

# **UNIVERSIDADE DE COIMBRA --1.MARÇO.2018**

## **JOÃO CARAÇA**

- Magnífico Reitor
- Senhores Reitores, Vice-Reitores e Pró-Reitores
- Senhores Membros do Conselho Geral
- Doutor Rui Vieira Nery, laureado com o Prémio Universidade de Coimbra 2018
- Exmas. Autoridades Civis, Militares, Judiciárias e Religiosas
- Senhora Administradora do Banco Santander
- Senhora Diretora do Museu do Fado
- Senhor Presidente da Direção-Geral da Associação Académica de Coimbra
- Senhor Presidente da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra
- Senhor Provedor do Estudante da Universidade de Coimbra
- Senhores Doutores
- Senhores Colaboradores

- Caros Estudantes

- Minhas Senhoras e meus Senhores

É com plena esperança no futuro da universidade e uma incontida emoção que me dirijo a todos vós, para vos saudar neste dia em que justamente celebramos os 728 anos da nossa Universidade.

Tendo sido eleito pelos meus colegas para presidir ao Conselho Geral, não posso deixar de pensar sobre as extraordinárias capacidades desta ínclita instituição, que a fizeram atravessar séculos e mesmo épocas, chegando aos dias de hoje reflectindo e preparando o caminho a seguir.

«(...) o caminho faz-se a andar» disse o grande poeta Antonio Machado, e todos sabemos que aprender é a melhor maneira de antecipar os escolhos e dificuldades que certamente se farão sentir.

Uma universidade vive porque produz. Porque produz conhecimento e porque produz pessoas com espírito crítico. Quero por isso felicitar os novos doutores, bem como os novos jubilados e aposentados que, certamente

em conjunto com a Universidade, continuarão a transmitir o valor do espírito crítico através das gerações futuras.

Coimbra foi, e é, no nosso país e na Europa, um foco do melhor mecanismo de aprendizagem intergeracional que os seres humanos inventaram no decurso da sua evolução: a educação.

A educação, e o ensino superior em particular, são veículos preferenciais de três conjuntos de valores e percepções da maior importância societal: a cultura, a memória, as aspirações quanto a um mundo melhor.

São estes os conteúdos essenciais do modo social de comunicação que tem influenciado poderosamente os avanços, mas também os recuos, civilizacionais.

Assim, há que equacionar o quadro da futura educação, com a convicção de que a pior que nos pode acontecer é o caminhar com uma venda nos olhos, com medo de vislumbrar o que se avizinha, como se a fatalidade comandasse a história dos povos. É que a aceitação acéfala da narrativa única constitui inexoravelmente a etapa seguinte.

No seu recente livro sobre *Praxe e Tradições Académicas*, Elísio Estanque (que foi o motor da Conferência promovida pelo Conselho Geral há uma semana dedicada aos “Rituais de acolhimento e práticas de cosmopolitismo”) afirma que «(...) se as futuras elites formadas nas universidades se limitarem a reproduzir os modelos da sociedade (...) [em] geral é sinal que a juventude estudantil abdicou do seu papel de consciência crítica face à ordem social vigente».

Sem consciência crítica esquece-se a memória e desinveste-se na cultura. A cultura é cara, será então a voz corrente, propagada por um poder usurpador que já não representa o povo.

«Não assumir a cultura como prioridade é um sinal de ignorância» afirmou recentemente Rui Nery, muito merecidamente laureado com o Prémio Universidade de Coimbra de 2018, que daqui felicito em nome do Conselho Geral, e ainda como amigo, como colega na direcção da Fundação Calouste Gulbenkian, como vizinho de gabinete e *last but not least* colega no coro dos colaboradores da Fundação. Não nos faltam pois oportunidades para discutir

os preocupantes sinais de alarme que se amontoam no meio do percurso.

Condorcet afirmava há pouco mais de duzentos anos que «os progressos das ciências asseguram os progressos na arte de educar e (...) estes subsequentemente aceleram os progressos das ciências».

Mas Condorcet acreditava profundamente que a educação era o mecanismo central de aperfeiçoamento dos seres humanos! E pensava também que não havia limites para as nossas esperanças, tal como escreveu no seu memorável *Quadro dos progressos do espírito humano*, que foi traduzido para português apenas nos anos 1940, no seio da Biblioteca Cosmos.

Porém, muita água passou sob as pontes desde então. Será que, hoje, os mercados se preocupam com a educação? Ou é a “aquisição de competências” aquilo que lhes interessa fundamentalmente?

Vemos acastelarem-se novas nuvens no horizonte: a complexidade irrompeu na descrição do mundo – é impossível separar as sociedades do contexto global, o ser

vivo do seu ambiente, as alterações climáticas da actividade geológica da Terra e do comportamento dos seus habitantes. As novas doenças espreitam, bem como os riscos de acidentes e de instabilidade política.

Mais: o emprego tornou-se efémero, o bem-estar passageiro, o predomínio do Ocidente uma ilusão que se vai desfazendo em pó. A superstição e o medo espraiam-se de novo.

«Em tempos de mistificação universal dizer a verdade é um acto revolucionário» afirmava George Orwell nos mesmos anos 1940. Ora em tempos de especulação, de fraudes e de violência desbragada como os do presente, dizer a verdade é afirmar que não há certezas absolutas, porque há complexidade, porque há incerteza, porque o mundo se move, isto é, porque muda.

O mundo está sempre a mudar e, por isso, é preciso interrogá-lo continuamente: interrogar a natureza, interrogar a sociedade, interrogarmo-nos nós próprios. É esta a razão funda pela qual existem, respectivamente, as ciências da natureza, as ciências sociais, as humanidades.

Não há receitas prontas para o consolo das almas: o único conforto existencial obtém-se querendo saber sempre mais, querer aprender continuamente, não deixando nunca de interrogar.

Porém, a rapidez com que as transformações se sucedem nas nossas sociedades, nomeadamente em resultado da revolução tecnocientífica ocorrida nos anos 1940 – os anos terríveis da II Grande Guerra – e em consequência da revolução digital que se lhe seguiu – a partir dos problemáticos anos de 1970, alcunhados de “os das crises do petróleo” -- fez com que se difundisse um sentimento de urgência em relação ao acesso à educação e à sua qualidade, a todos os níveis.

É necessário compreender bem o alcance da revolução tecnocientífica, pois ela veio transformar a ciência que se cria maioritariamente desde então: trata-se de uma investigação movida pela produção de tecnologia e não mais uma investigação movida pela curiosidade e pela descoberta de leis da natureza (actividade que se tornou quase residual).

A economia passou a interessar-se por esta nova ciência e com o seu impulso nasceram novos sectores de alta intensidade tecnológica na actividade económica. Que vieram reforçar a liderança tecnológica e militar dos Estados Unidos da América. E que fizeram surgir novas interacções e mútuas influências na sociedade.

Destas, a que teve o impacto mais formidável foi certamente a revolução digital – a “digitalização” que nos atravessa os corpos e os espíritos – em cujos começos estamos a participar e que poderá vir a ser tão importante para a nossa evolução histórica como a da escrita, há seis mil anos atrás.

É que nos dias de hoje vamos tendo de saber interpretar e escrever correctamente não apenas os textos (sequências de símbolos) mas também – e sobretudo – as imagens (mapas de símbolos), que carreiam uma muito maior quantidade de informação.

Entende-se deste modo como a educação parece ser essencial para introduzir as novas literacias e as bases da cultura cívica contemporânea. De facto, na esfera política

e no espaço dos *media* a educação é apelidada por todos os seus actores como uma “prioridade”. Mas bem sabemos como as pressões sociais criadas pela “desgovernança” empurram prioritariamente os recursos e as finanças públicas para as áreas da saúde, da habitação, do emprego...

Paradoxo este que precisa de um pouco de contexto. Numa intervenção *Sobre a Educação* na sessão organizada pelo Movimento de Unidade Democrática debatendo “Aspectos do Problema Cultural Português”, Bento de Jesus Caraça afirmava em 1946 que as mudanças recentes no ensino de então não tinham sido uma reforma, mas uma profunda contra-reforma, com «(...) um conjunto de medidas pequenas, espaçadas, sem nexo aparente, mas não obedecendo menos a uma acção metodicamente planeada, tenazmente executada». Poderíamos bem adoptar esta frase para referir o que hoje se passa em Portugal e no mundo.

O mundo mudou e o país também. Contudo, não mudaram o suficiente. Precisamos que continuem a

mudar, em todos os relevantes aspectos societais. A mudança precisa de ser aprofundada.

Ou seja, temos de ultrapassar a narrativa única, bem como rejeitar a trapaça das *fake news*. As universidades têm aqui um papel central a desempenhar.

A revolução geográfica do século XVI que os portugueses lideraram foi também uma fantástica explosão do conhecimento sobre novas terras, animais, plantas, usos e costumes, sobre novos céus e novas estrelas, como escreveu Pedro Nunes. Motivou uma importante transformação no campo do pensamento. Alargámos dramaticamente a fronteira do conhecimento.

A partir daí a novidade passou a ser uma coisa normal e a inovação a ser vista como um comportamento legítimo.

A curiosidade deixou de ser considerada como uma transgressão e passou a ser uma virtude, permitindo a interrogação sistemática da natureza e do mundo.

A curiosidade foi a poderosa semente do espírito crítico que serviu de fundamento a todo o edifício da modernidade. A curiosidade acolhe a transformação. Leva-

nos a experimentar, a fazer, a avaliar as consequências da experimentação. Força-nos a verificar.

O problema principal que se nos põe é, portanto, o da livre expressão da cidadania.

O cidadão é aquele que participa, aquele que objecta, aquele que pergunta porquê. A democracia é exactamente o livre curso desta atitude básica de interrogar, de pedir explicações. Só assim ela funciona plenamente.

Para o livre exercício da cidadania o acto de objectar é essencial. Mas para que possamos objectar consequentemente teremos de ver reafirmado o valor do espírito crítico em todas as frentes.

É esta a utilidade central das universidades no século que corre.

A futura educação terá de assentar na experimentação e no saber ler e “escrever” imagens digitais. Terá, sem dúvida, de privilegiar a interrogação, a observação e a imaginação, protegendo, favorecendo, estimulando o espírito crítico.

Pode a Universidade de Coimbra estar segura de que contará com o seu Conselho Geral para participar neste desígnio com o maior empenho e o maior entusiasmo.